

Loucura vista pelos literatos William Shakespeare e Machado de Assis e filósofos Friedrich Nietzsche e Erasmo de Rotterdam

Madness seen by the literati William Shakespeare and Machado de Assis and philosophers Friedrich Nietzsche and Erasmus of Rotterdam

ANUAR SAMIR BADWAN HUDA¹

Resumo: Este artigo tem como principal foco, entender a loucura por meio de escritos literários de Shakespeare e Machado de Assis e filosóficos de Nietzsche e Erasmo de Rotterdam. Pegamos por exemplo o escrito de Shakespeare, a saber, Hamlet. Este, é o príncipe da Dinamarca e ele é retratado como o “louco” da história e por ele mesmo descobre-se que a loucura não é algo ruim, que é algo sábio. Esta afirmação irá ser explicada no artigo. Erasmo, por outro lado, explica a loucura sendo ela uma deusa que é nomeada Moria.

Palavras-chave: Loucura. Literatura. Filosofia.

Abstract: This article's main focus is to understand madness through the literary writings of Shakespeare and Machado de Assis and the philosophical writings of Nietzsche and Erasmus of Rotterdam. We take for example Shakespeare's writing, a saber, Hamlet. This is the prince of Denmark, and he is portrayed as the “madman” of the story and from himself it is discovered that madness is not something bad, that it is something wise. This statement will be explained in the article. Erasmus, on the other hand, explains madness by being a goddess who is named Moria.

Keywords: Craziness. Literature. Philosophy.

Hamlet e a loucura

Nas primeiras páginas do livro “Hamlet”, os guardas do castelo de Elsinore² avistam um espectro do antigo rei da Dinamarca, que foi morto. E os guardas decidem avisar Hamlet, que é filho do antigo rei. O pai de Hamlet revela a ele que foi morto pelo seu tio, atual rei Cláudio com um veneno. Horácio, um dos guardas acompanhados, fala o seguinte para Hamlet.

E se a sua simples visão despojar-vos completamente da sanidade e prostar-vos na mais irremediável loucura? O risco é considerável... (SHAKESPEARE, 1623).

¹ Discente do curso de Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Toledo. Atualmente é bolsista do programa de iniciação científica financiado pelo CNPq, no qual realiza análises de respostas de migrantes de um questionário realizado em Foz do Iguaçu. E realiza pesquisas filosóficas por fora com enfoque na loucura. Email: anuarhudaa@gmail.com

² Elsinore é uma ilha solitária e inóspita, onde se passa a trama de Hamlet.

Essa fala de Horácio diz que é muito provável que Hamlet mergulhe na loucura depois de dialogar com o espectro. E realmente Hamlet ficou “louco” depois dessa descoberta. Mas essa loucura é uma loucura fingida por ele para enganar a todos do reino e ele finalmente conseguir sua vingança. Mas o que realmente importa aqui é será que a loucura pode ser considerado algo ruim que caminha direto para o precipício ou uma forma mais apurada e verdadeira de olhar para a realidade? Eis a questão.

A loucura para os cidadãos do reino da Dinamarca era algo péssimo, mas a loucura de Hamlet é vista por intelectuais e acadêmicos como uma filosofia.

Ser ou não ser, eis a questão. É mais nobre a alma sofrer com as pedradas e flechadas de um destino ultrajante ou pegar em armas contra um mar de aflições e, por combatê-las, terminá-las?
(SHAKESPEARE, 1623)

Essa passagem dita por Hamlet designa dois modos de vida, na medida em que expõe, se é mais digno sofrer um rude destino ou pegar em armas e combater as pedradas e flechadas da vida. Se analisarmos mais profundamente essa dialética, vemos que é mais merecedor pegarmos em armas para combater o destino duro em vez de esperar sentado, porque enfrentar o destino não faz parte do senso comum. O senso comum, as pessoas genéricas não fazem questão de enfrentar o próprio caminho. Quando os indivíduos começam a se questionar, aí sim viram loucos e sábios. Esse foi mais um dos delírios³ de Hamlet, que se apresenta como uma reflexão filosófica. Como dito anteriormente, essa loucura pode ser muito bem-vista como uma forma mais apurada de ver a realidade, parar de ver a realidade de uma forma fictícia/falsa.

Nietzsche e a loucura

No resumo deste artigo foi referenciado dois autores, a saber, Nietzsche (filósofo alemão) e Erasmo de Rotterdam (filósofo e teólogo neerlandês). O primeiro, escreveu sobre a loucura em seu livro *Aurora*⁴.

³ Aqui reitero mais uma vez, que é delírio por visão dos cidadãos, na visão dos intelectuais é uma filosofia.

⁴ Publicado em 1881, “*Aurora*” de Nietzsche trabalha com a loucura no aforismo 14 intitulado “Significação da loucura na história da moralidade”.

Enquanto hoje sempre nos dão a entender que ao gênio não foi dado um grão de sal, mas o tempero da loucura, todos os homens de outrora tendiam a crer que onde houver loucura haverá também um grão de gênio e de sabedoria. (NIETZSCHE, 1881).

Essa passagem metafórica apresentada pelo filósofo alemão expressa que as pessoas que não detém um conhecimento sábio ou avançado vêm com um grão de sal, uma coisa simples. Agora, as que detém um conhecimento mais aprimorado vem com um tempero da loucura ou nas palavras de Nietzsche, um tempero de sabedoria.

Então, segundo Nietzsche, a loucura também adquire forma de sabedoria, é a loucura que abre ala para novas ideias. Em uma outra passagem do filósofo alemão⁵, ele também abrange a loucura.

Uma atitude independente e cautelosa no conhecimento é vista quase como uma espécie de loucura. (NIETZSCHE, 1878).

Aqui, enuncia-se, que com uma minuciosidade, empenho e dedicação no conhecimento, isso é visto quase como uma espécie de loucura.

Um outro autor da filosofia que vale destacar aqui é o Giorgio Colli, que também expõe em sua obra⁶, a ideia de que a loucura é uma forma de sabedoria do ser humano.

Assim, portanto, diante desses todos autores citados até agora, pode-se concluir que o senso comum prega que a loucura tem que ser internada, que não tem sentido uma pessoa louca estar nesse mundo dotado de “sentido”, de pessoas normais. Mas são essas pessoas normais é que não tem sentido na vida.

Machado de Assis e a loucura

Machado de Assis, outro literato incrível, pensa que indivíduos com “perfeição moral” mergulham na loucura. Esse é um outro caso, pois na literatura

⁵ Publicado em 1878, “Humano, demasiado humano” de Nietzsche, no aforismo 282 nomeado “Lamentação” a loucura também aparece.

⁶ “O nascimento da filosofia”, no capítulo 1 intitulado a loucura como forma de sabedoria”.

dele⁷, um alienista foi contratado pelo governo para recolher os loucos para a Casa Verde⁸. O alienista praticamente recolheu todos para a casa, inclusive ele mesmo. No final das contas ele não passava do único louco da turma. Mas, uma pessoa com perfeita moral existe? Se existisse, ela seria louca ou sábia como vimos anteriormente.

O alienista achou em si as características do perfeito equilíbrio mental e moral, pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. (ASSIS, 1882).

Em uma análise mais aprofundada desta literatura, o alienista julgou todos os moradores da cidade como “loucos” e esqueceu de considerar a si mesmo. Ele possuía a perfeição moral intacta e por isso foi motivo de se recolher à Casa Verde. Enfim, todas essas características que formam um mentecapto⁹ nas palavras do Machado, concomitantemente, forma um sábio também.

Erasmus de Rotterdam e a loucura

Falemos agora sobre Erasmo de Rotterdam. Este, pensa a loucura como uma deusa¹⁰. Em sua obra sobre a loucura¹¹ ele explica e faz-nos refletir a loucura na visão de uma deusa, a saber, *Moria*.

Todos sabem que a infância é a idade mais alegre e agradável. Mas que é que torna os meninos tão amados? Que é que nos leva a beijá-los, abraçá-los e amá-los com tanta afeição? Ao ver esses pequenos inocentes, até um inimigo se enternece e os socorre. Qual é a causa disso? É a natureza, que, procedendo com sabedoria, deu as crianças um certo ar de loucura, pelo qual elas obtêm a redução dos castigos dos seus educadores e se tornam merecedoras do afeto de quem as tem ao seu cuidado. (ROTTERDAM, 1511).

⁷ “O alienista”, sua primeira publicação realizada em 15 de março de 1882.

⁸ Na trama, Casa Verde foi um lugar criado para manter os loucos.

⁹ Louco.

¹⁰ *Moria* significa loucura em grego.

¹¹ “Elogio da Loucura”, publicado em 1511.

O que mais nos agrada em uma criança, é a falta de juízo que ela apresenta a nós e essa carência de juízo é justamente essa “loucura da criança”. O delírio da criança nos faz dar fortes gargalhadas ou então melhor dizendo, a loucura das crianças nos faz dar risos.

O que é certo é que mesa alguma nos pode agradar sem o condimento da loucura. E tanto isso é verdade que, quando nenhum dos convidados se julga maluco ou, pelo menos, não finge sê-lo é pago um bobo, ou convidado um engraçado filante que, com suas piadas, suas brincadeiras, suas bobagens expulsa da mesa o silêncio e a melancolia. Com efeito, que nos adiantaria encher o estômago com tão suntuosas esquisitas e apetitosas iguarias, se os olhos, os ouvidos, o espírito e o coração não se nutrissem também de diversões, risadas e agradáveis conceitos? Ora, sou eu a inventora exclusiva de tais delícias. (ROTTERDAM, 1511).

A loucura é que traz alegrias e diversões na mesa de um jantar. Sem isso, mantem-se um tédio e o silêncio acaba por prevalecer sobre a mesa. Se não tivermos um “comediante natural” como diz Erasmo, as pessoas contratam um palhaço ou algo do tipo, pois é preciso da loucura para viver. Sem ela, mergulhamos em uma vida tediosa e aborrecida.

Referências

- ASSIS, D. M. *O alienista*. Trad. Vicente Ataíde. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977. (Série didática).
- COLLI, G. *O nascimento da filosofia*. Trad. Federico Carotti. 3.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996. (Coleção repertórios).
- NIETZSCHE, F. *Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2021. (Companhia De Bolso).
- NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres*. Trad Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2022. (Companhia De Bolso).
- ROTTERDAM, D. E. *Elogio da loucura*. Trad. Paulo Sergio Brandão. São Paulo: Martin Claret, 2000. (Coleção A obra-prima de cada autor).
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Tradução por Júlio Emílio Braz. Jandira, SP: Principis, 2021.

Submissão: 27. 10. 2024

/

Aceite: 15. 11. 2024